

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JULIA FONTANA DESINANO

A REALIDADE DAS TRABALHADORAS BOLIVIANAS NA CIDADE DE SÃO
PAULO: UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PROCESSO MIGRATÓRIO E SUAS
IMPLICAÇÕES

SÃO PAULO
2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

JULIA FONTANA DESINANO

A REALIDADE DAS TRABALHADORAS BOLIVIANAS NA CIDADE DE SÃO
PAULO: UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PROCESSO MIGRATÓRIO E SUAS
IMPLICAÇÕES

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no curso
de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr.
José Agnaldo Gomes

SÃO PAULO
2018

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu professor orientador Dr. Jose Agnaldo Gomes por estar presente ao longo desse ano de produção, proporcionando discussões e reflexões que me possibilitam não só escrever esse trabalho de conclusão de curso, mas também me desenvolver como pessoa.

Agradeço também aquele que esteve presente nos meus últimos 25 anos de vida me incentivando e me apoiando em todos os caminhos que trilhei. Meu pai.

Obrigada Mãe por ter estado mesmo que as vezes um pouco distante, bastante presente na minha vida, trazendo sempre aquela preocupação e cuidado de colo de mãe.

Vic, obrigada por ter caminhado comigo nessa jornada da psicologia e da vida, onde juntas vamos criando o nosso espaço no mundo, sempre uma do lado da outra.

Obrigada Lele por ter estado comigo nas descobertas dos dois primeiros anos da faculdade, onde com amor e carinho caminhamos juntas para além das paredes da PUC.

Agradeço também a família handebol que por quase uma década fez parte do meu dia a dia, crescendo junto e criando através do esporte, laços para a vida toda.

Max, obrigada por ter entrado na minha vida e por ter me deixado entrar na sua, sendo sem dúvida a melhor parte de San Francisco.

Obrigada passarinha por estar me mostrando o mundo com outros olhares, onde com amor os sentidos vão surgindo.

E por fim, mas não menos importante agradeço a todos aqueles que estivera presente nesses últimos sete anos da graduação.

RESUMO

O presente estudo realiza uma análise à luz da psicologia sócio histórica do trabalho das bolivianas que atuam no mercado têxtil no centro de São Paulo. Busquei, através de relatos e levantamentos bibliográficos, entender e me aproximar dessa realidade de trabalho análoga à escravidão.

A pesquisa apresenta uma linha do tempo da imigração boliviana para São Paulo como forma de compreensão sobre esse fenômeno e suas motivações.

Por fim, a pesquisa traz uma entrevista com uma costureira sobre seu cotidiano, suas dificuldades e suas expectativas de vida. Busquei através da entrevista entender a situação atual dessa trabalhadora me permitindo fazer alguns apontamentos críticos sobre as estruturas de opressão tendo como recorte a perspectiva de gênero.

PALAVRAS-CHAVE

Bolivianas, Imigração; Mercado Têxtil; Trabalho; Psicologia Sócio-histórica

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. METODOLOGIA	9
3. O PROCESSO MIGRATÓRIO PARA O BRASIL	11
4. O TRABALHO, A EXCLUSÃO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	15
5. A CONVERSA COM SARA	20
5.1 Núcleos de Significação	21
5.2 Núcleo 1: A vida lá – O passado - “Infância? Não tive infância. Quando se perde a mãe muito cedo, tem uma madrasta má e um pai bêbado você não tem infância. ”	22
5.3 Núcleo 2: A vida aqui – o presente – “Quando se trabalha só tem que trabalhar”	25
5.4 Núcleo 3: A vida por vir – o futuro – “Eu só sei que quero morrer na Bolívia, é muito caro morrer no Brasil. ”	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
8. ANEXOS	36
8.1 Anexo I - O Questionário	36
8.2 Anexo II - A Entrevista	37
8.3 Anexo III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	41

1. INTRODUÇÃO

A escolha desse tema de trabalho de conclusão de curso decorre de uma experiência vivida na situação de estágio da disciplina Psicologia do Trabalho e das Organizações do núcleo de trabalho no quarto ano do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em 2016. Essa experiência foi-me impactante pelo contato com imigrantes bolivianas que trabalham com o mercado têxtil no centro de São Paulo. Por essa razão retorno ao tema, mas agora com pretensões de um aprofundamento em forma de pesquisa.

Ao decidir que seria esse o meu grupo de estudo comecei então a me questionar porque esse tema tinha me incomodado tanto. Percebi que gostaria de tentar entender os motivos que levaram essas mulheres a saírem da Bolívia e se mudarem para São Paulo para viverem em condições de pobreza, recebendo de 01 a 03 salários mínimos pertencendo a classe social D, segundo o site da FGV¹. São mulheres que trabalham de quinze a dezoito horas por dia e muitas vezes só conseguem proporcionar o básico para seus filhos.

Essa situação precarizada de vida nos convida a conhecer melhor as condições das trabalhadoras boliviana em seu país. Para tal, esboço aqui a realidade de emprego e desemprego na Bolívia. O conteúdo que segue decorre de consulta feita nos sites de governo sobre índice de desemprego, produto interno bruto, índice de mortalidade infantil, escolaridade média do país, condição de empregabilidade da mulher. Considero, entretanto, um possível viés desses dados pelo fato de serem coletados em sites de governo, porém utilizados como parâmetros.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística da Bolívia² 4,5% da sua população está desempregada nas áreas urbanas, sendo este o menor índice de desemprego da América do Sul, posição muito diferente do Brasil, apresentando um índice de 13,3%. Ainda em uma condição mais favorável que a maioria dos países da América do Sul, apenas 2,9% da população peruana é analfabeta, sendo esta porcentagem

¹ <http://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>

² <https://www.ine.gob.bo/index.php/notas-de-prensa-y-monitoreo/itemlist/tag/EMPLEO>

apenas possível após a implementação do método cubano de alfabetização “Yo, sí puedo”. Neste método a experiência e o conhecimento são adquiridos progressivamente através de recursos audiovisuais e de um professor que atua como um facilitador dos recursos audiovisuais tendo também a função de resgatar a dimensão afetiva daquele que não sabe ler e escrever.

Quando comparamos as taxas de mortalidade infantil e materna com seus países vizinhos, a Bolívia aparece com índices inferiores, mostrando déficits e precariedades nesses assuntos. Enquanto que na Bolívia a cada mil crianças que nascem 36,4 morrem antes de completarem um ano de idade, na Argentina e no Brasil esse número é de 11 e 12,4 respectivamente. Segundo a organização mundial de saúde as principais causas para a mortalidade materna são hemorragias, abortos e infecções. Sendo estes responsáveis por 160 óbitos maternos na Bolívia e 62 no Brasil a cada 100.000 crianças nascidas vivas.

Esse alto índice de mortalidade materna denuncia a violência e a descriminalização que a boliviana sofre por viver em uma sociedade patriarcal onde por mais que novas políticas públicas são criadas e exista um avanço na participação da mulher na política elas ainda sofrem por terem seu gênero associado a serviços de natureza feminina e materna sendo quase exclusivamente atividades de serviço ao outro, não tendo espaço para posições de prestígio e poder. Mesmo com os avanços que estão acontecendo nesse setor elas ainda se deparam com a hierarquização do trabalho colocando os homens em posições superiores, ganhando menos e tendo menos possibilidade de ascensão.

As relações entre gênero e classe nos permite constatar que, no universo do mundo produtivo e reprodutivo, vivenciamos também a efetivação de uma construção social sexuada, onde os homens e as mulheres que trabalham, são desde a família e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho. (ANTUNES, 2001. p.109)

Diante de tanta desigualdade é possível visualizar a necessidade da boliviana de migrar para outro país, buscando uma nova realidade onde possibilidades de crescimento são apresentadas mesmo que muitas vezes ilusoriamente.

O pensar sobre o querer do imigrante estará presente no futuro estudo, assim como seus desejos e vontades antes da vinda para o Brasil. Trabalhar com os fatores de repulsão e os fatores de atração ajudará a entender as razões da mobilidade social que influencia o fluxo migratório inter-regional nos últimos trinta anos. “ (...) ao dizer “sou imigrante” ou “sou migrante”, algo fica por dizer. Assim também, restam palavras para dizer o que o imigrante ou o migrante quer. ” (BERTA; CARIGNATO; ROSA. 2006, p.97)

Nessa introdução apresento alguns dados levantados através da bibliografia sobre o tema da migração, uma vez que estudos e pesquisas sobre o crescimento da população boliviana em São Paulo afirmam que tal evento está diretamente ligado com o crescente mercado têxtil de pequenas e médias confecções.

Com a chegada dos portugueses no século XVI a história do Brasil começou a ser traçada sendo muito interligada aos movimentos migratórios (voluntários ou não). Os africanos foram os primeiros, em grande número, a chegar no país, segundo a ONG slavevoyages³ aproximadamente 1.700.00 (um milhão e setecentos mil) vieram para o Brasil até 1850, que com a Lei Eusébio de Queiroz proibiu o tráfico negreiro.

Com o fim da mão de obra escrava e a necessidade de continuar crescendo o Brasil começou a incentivar a vinda de mão-de-obra de fora do país, criando uma política de apoio e atraindo principalmente europeus e japoneses. Estimasse que 4 milhões deixaram seus países de origem rumo a terras brasileiras para trabalhar na agricultura e posteriormente na indústria que começava a crescer. Tal política de apoio a imigração começou a sofrer baixas com a crise da indústria cafeeira em 1902, porém em 1918, após a primeira guerra mundial os estrangeiros voltaram a migrar para o Brasil, desta vez vindo da Polônia e da Rússia.

³ <http://www.slavevoyages.org/>

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Organização Internacional de Refugiados (OIR) foi a grande responsável pela movimentação dos que precisaram sair do seu país de origem. Mesmo não sendo o destino mais procurado o Brasil recebeu cerca de 25.000 pessoas entre os anos de 1947 e 1951 dando início a uma nova fase da política imigratória nacional onde diferentes setores como educação e saúde se juntaram criando um novo olhar mais preocupado e cuidadoso com os imigrantes.

Nos anos seguintes os números de imigrantes da América do Sul vindos ao Brasil, em especial da Bolívia, começaram a crescer, com números significativos a partir de 1990. Poderíamos considerar em hipótese, nesse momento, que o aumento significativo dessa migração decorre da busca por trabalho. Nesse aspecto destaco alguns dados que buscam, se não justificar, ao menos refletir sobre essa hipótese.

Pero Vaz de Caminha em carta descreve “uma mulher moça com um menino ou menina ao colo, atado com um pano não sei de quê aos peitos” (COSTA, 2000). Tal passagem traz a noção da importância dos tecidos para o desenvolvimento do nosso país, estando presente nos mais diferentes momentos da nossa história.

Com a segunda guerra mundial inúmeras indústrias tiveram que deixar seus setores de atuação para se dedicar à produção militar, com isso o Brasil conseguiu aumentar significativamente a sua exportação, tornando-se o segundo maior produtor têxtil do mundo produzindo mais de um bilhão de metros de tecidos em 1945 (BERMAN; COSTA; HABIB. 200, p.55).

Tal crescimento continuou nas próximas décadas promovendo a ideia e o sonho de migrar para o Brasil e trabalhar no setor têxtil. Em 1990, essa ilusória promessa de melhoria de vida através do trabalho se intensificou após a abertura geral da economia, propondo novos desafios para a indústria nacional.

Ainda ilustrando esse cenário idealizado de trabalho juntamente com um grande potencial de criação e inovação o Brasil, em especial o Sudoeste atraiu nas últimas décadas imigrantes, principalmente bolivianas, dispostas a deixar seus países de origem e buscar um novo desafio, o trabalho no setor têxtil.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho de conclusão de curso analisa a realidade social a partir de uma dimensão histórico-dialética, tendo como embasamento a psicologia sócio histórica.

Partirei do pressuposto de que os sujeitos e seus discursos são únicos, porém todo indivíduo traz com ele inúmeras determinações históricas, sociais e culturais, e para tal compreensão, utilizarei os núcleos de significação propostos e estudados por Aguiar e Ozella (2013).

Essa pesquisa será balizada pela perspectiva teórica da psicologia sócio histórica, que contempla nos seus pressupostos o materialismo histórico dialético. Nessa perspectiva ocorre a compreensão da desnaturalização dos fenômenos sociais e o entendimento crítico sobre as estruturas de desigualdade social e o impacto dessas estruturas nas formas de subjetivação do sujeito. Para tal pesquisa utilizarei dos núcleos de significação propostos e estudados por Aguiar e Ozella (2013), onde apresentam em sua estrutura uma relação dialética de sentido e significação construídos pelos sujeitos levando em conta as diferentes realidades em que estão submetidos.

Com essa metodologia busco entender para além do significado ou da linguística das palavras e das falas, uma vez que estas são unidades de pensamento concretos que se expressam através da verbalização, carregando consigo a materialidade histórica de seus sujeitos.

Nesta pesquisa foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma boliviana que trabalha para o mercado têxtil do centro de São Paulo. Utilizei como recurso de acesso as bolivianas o diálogo individual na medida em que se dispuseram e na condição que puderam para comigo fazer essa conversa e evidentemente, assegurado pelo consentimento livre e esclarecido para participação nesta pesquisa.

Essa pesquisa objetiva a compreender a situação das mulheres bolivianas na situação de imigrante e trabalhadora explorada no mercado têxtil. Analiso o discurso

dessas trabalhadoras pelo recorte de gênero com ênfase para suas expectativas de futuro enquanto projeto de vida. Buscarei entender o processo de migração para o Brasil especificamente para São Paulo assim como as suas perspectivas para os próximos anos. Para tal contarei com a metodologia de análise dos núcleos de significação dos discursos.

3. O PROCESSO MIGRATÓRIO PARA O BRASIL

Os fluxos migratórios acontecem mundialmente desde o início da história da humanidade, consistindo na mobilidade territorial da população, na movimentação de um espaço para o outro, podendo ser nacional ou internacional. Tais fluxos acontecem por diferentes motivos, como movimentos religiosos, políticos, econômicos, sociais e ambientais.

Um dos principais fluxos migratórios aconteceu entre os anos 1800 e 1914, onde o crescimento demográfico europeu superou às expectativas da época gerando um grande fluxo migratório para outros continentes. Tal movimento aconteceu devido às melhorias das condições de saúde, como por exemplo a vacinação, às melhorias nas condições climáticas e também a intensificação na higiene pessoal, diminuindo significativamente os índices de mortalidade.

No Brasil, o principal responsável pelo surgimento do fluxo migratório é o crescimento da economia. Ao longo da nossa história podemos perceber diferentes movimentos que geraram um aumento e movimentação da população, como por exemplo o ciclo da borracha, na região da Amazônia entre os anos de 1890 e 1920. Nesse período inúmeros europeus se mudaram para às cidades de Manaus, Belém e Porto Velho com o objetivo de extrair e comercializar a borracha. Tal movimento proporcionou um significativo desenvolvimento socioeconômico para a região fazendo com que milhares de trabalhadores do nordeste do Brasil migrassem para a Amazônia, aumento a mão de obra e o desenvolvimento das cidades.

A migração para o Brasil não aconteceu apenas de países europeus, com o crescimento da economia nacional muitos moradores de países vizinhos vieram para o Brasil nas últimas décadas em diferentes fluxos. Nos próximos parágrafos trarei o processo migratório das Bolivianas para o Brasil, em especial para São Paulo.

Vale ressaltar a divergência e a dificuldade de encontrar alguns dos dados que citarei abaixo, por isso trarei evidências através dos respectivos autores. Tal ausência de fatos é por si só um importante fator para analisar e pensar no processo de migração das bolivianas, sendo esse desde já um silenciamento sobre tais fatos.

A migração Boliviana teve pelo menos dois grandes fluxos para a cidade de São Paulo: o primeiro em meados de 1950 e o segundo entre 1970 e 1990. A bibliografia compulsada aponta, quase que unanimemente, que o primeiro fluxo era constituído massivamente por estudantes e que, no caso do segundo fluxo, os bolivianos eram pensados como mão de obra barata e cativa, fundamental para a expansão da produção têxtil (SANTOS; MESQUITA, 2017, p.176)

No trecho acima as autoras trazem um recorde histórico da migração assim como o principal mercado de atuação dessas moças. Ao longo dos capítulos trarei mais a fundo a relação das bolivianas com o mercado têxtil no centro de São Paulo. Precisamos tratar o processo migratório como uma junção de características não só econômicas, mas também sociais e culturais, e que por esses motivos existem em alguns países uma cultura migratória intrínseca a comunidade. Isso pode ser observado na cultura Boliviana que desde cedo depara com uma alta mobilidade em função da procura de recursos.

Conforme foi apresentado por Mesquita e Santos (2017) esses fluxos migratórios não tem uma característica homogênea. Aquela ideia de que as imigrantes bolivianas são de origem indígena e de uma classe social mais baixa não é verdadeira, entretanto alguns valores culturais como a família e a divisão sexual do trabalho ainda estão marcados na comunidade Boliviana de São Paulo.

De fato, a família em um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Ela é um dos lugares por excelência de acumulação de capital sob seus diferentes tipos e de suas transmissões entre gerações: ela resguarda sua unidade pela transmissão e para a transmissão, para poder transmitir e porque ela pode transmitir. (BOURDIEU, 1996, p.131)

O espaço familiar tem um peso ainda mais relevante nesse processo migratório uma vez que traz com ele aspectos do “conhecido”, sentimento esse pouco acessado nesse momento de mudança. Esse espaço não é necessariamente um núcleo familiar,

mas sim o contato com a cultura e com a língua do seu país. Na entrevista realizada para esse trabalho, tais aspectos ficaram em evidência e serão apresentados nos próximos capítulos.

Silva (2010) também aponta o movimento migratório para o mercado têxtil de São Paulo trazendo uma outra data ainda não citada, a de 2008, que com a crise econômica intensificou esse fluxo. O autor traz a noção temporal desse movimento que se intensificou no fim da década de oitenta resultando na criação do estatuto do estrangeiro em 2009 com o objetivo de melhorar e flexibilizar tanto às condições de entrada, mas também de permanência dos imigrantes. Tais números podem ser vistos na tabela abaixo onde quase 40% estão em São Paulo.

TEORIA & PESQUISA
VOL. XVI - n° 01 - JAN/JUN DE 2007

Tabela 5 : Nascidos na Bolívia com residência no Brasil por microrregião, em 2000 (efetivos superiores a 200)

Nome da Microrregião	Nascidos na Bolívia	% do Total nascidos na Bolívia	%acumulado
São Paulo	8 004	39,3	39,3
Guajará-Mirim (Rondônia)	1 436	7,0	46,3
Rio de Janeiro	1 219	6,0	52,3
Baixo Pantanal (Mato Grosso do Sul)	1 179	5,8	58,1
Rio Branco (Acre)	699	3,4	61,5
Porto Velho	642	3,1	64,6
Campo Grande	388	1,9	66,5
Guarulhos (região metr SP)	385	1,9	68,4
Cuiabá	374	1,8	70,3
Osasco (região metr SP)	290	1,4	71,7
Brasília (Acre)	279	1,4	73,1
Belo Horizonte	266	1,3	74,4
Alto Pantanal	245	1,2	75,6
Brasília	211	1,0	76,6
<i>Total parcial</i>	15 617	76,6	
<i>Total Brasil</i>	20 288	100,0	

Fonte : IBGE, Censo 2000.

Esses novos fluxos migratórios que aconteceram após os anos 2000 mudaram também o perfil das bolivianas, passando de uma mão de obra barata para uma mão de obra barata, mas sendo sujeitas de direitos, matriculando seus filhos nas escolas públicas, utilizando dos serviços públicos e vivenciando a cidade de São Paulo também como um palco de lazer, criando e intensificando diferentes redes sociais e culturais.

Sabemos que os processos migratórios são potencializados pela existência de redes sociais, que são uma forma específica de capital social que converte a migração internacional numa estratégia atrativa para a diversificação de riscos ou para maximizar possíveis benefícios (MASSEY, 1998, p.43 apud MOSKOVICS; CORRAL, 2012 p.50)

Essas redes sociais possibilitaram que o trabalho nas oficinas de costura se mantivesse predominantemente nas mãos das bolivianas, que conseguem manter preços baixos e recepcionar novos familiares que chegam no Brasil, mantendo esse mercado aquecido. Os fluxos migratórios podem também ser vistos como um plano familiar de crescimento e melhoria nas condições de vida, onde em alguns casos os membros da família migram em um mesmo momento ou ela acontece em etapas, primeiro os homens e depois às mulheres. Assim a migração modifica não só às estratégias individuais de cada membro da família, mas também o crescimento econômico.

4. O TRABALHO, A EXCLUSÃO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

A organização do trabalho exerce sobre o homem uma ação específica, cujo impacto é o aparelho psíquico. Em certas condições emerge um sofrimento que pode ser atribuído ao choque entre uma história individual, portadora de projetos, de esperanças e de desejos e uma organização do trabalho que os ignora. (DEJOURS, 1987, p.133)

Com essa breve explicação sobre o trabalho somos obrigados a falar sobre o mundo do trabalho e suas atuais configurações. Antunes (2001) traz a ideia de que o trabalho como finalidade é a maneira de ter o saber aplicado de fato na realidade material, assim o trabalho quando realizado com esse fim, se torna “práxis social”. Nessa perspectiva consideramos o metabolismo do homem com a natureza, transformando-a e sendo transformado por ela (cf. MARX, 1982).

Segundo Antunes a humanidade é definida como atividade, portanto quando não realizada principalmente como humanizadora, torna-se o oposto, uma “inumanidade”, ou seja, a objetificação do sujeito. Sujeito este que se constrói como gênero humano através do trabalho. Essa sociedade em que vivemos se assenta sobre o trabalho, e o mundo do trabalho encontra-se em permanente transformação.

Uma leitura histórica nos permite refazer a trajetória e suas distintas formas de organização passando pela administração tradicional, onde o saber estava nas mãos dos operários, passando pela administração científica elaborada por Taylor e aplicada sistematicamente e em larga escala por Ford até chegarmos ao modelo toyotista de organização do trabalho. (cf. FLEURY; VARGAS, 1983).

Entretanto vale ressaltar que essas diferentes formas de organização do trabalho coexistem. No caso do trabalho das bolivianas há uma forte identificação com um modo de produção produtivista e explorada que nos remete a uma gestão fordista, ou seja, focada no tempo e movimento para a produção. Nos chama atenção que esse trabalho realizado em condições altamente precárias se deem através da utilização de máquinas de fina e alta tecnologia, realizada muitas vezes em condição análoga à de escravo.

Apenas para ilustrar a partir da minha experiência de estágio. Frequentemente as bolivianas são acionadas por telefone com pedidos de produção de camisetas em grande quantidade a um valor muito baixo e com um tempo de produção reduzido. Sabe-se que há nessa relação um uso abusivo e explorador da mão de obra, porém não é uma relação mediada por um contrato de trabalho, o que significa que elas poderiam recusar ou não o pedido.

Porém se houver a recusa essas trabalhadoras não receberão mais trabalho, o que assenta dimensões ainda mais perversas de exploração e precarização do trabalho. Onde protestar? Como protestar? Quais são as medidas de proteção dessas mulheres trabalhadoras?

Outro fato que podemos considerar como um indicador do público alvo a ser explorado foi quando, em uma ida para o campo de estágio, observei placas solicitando trabalhadoras da costura, o detalhe a que me ative foi que solicitava especificamente costureiras bolivianas. Trago de maneira sucinta isso que compreendo como forma perversa de exclusão social.

Trabalhar significava ser escravizado pela necessidade, e essa escravização era inerente às condições da vida humana. Pelo fato de serem dominados pelas necessidades da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade dominando outros que eles, a força, sujeitavam a necessidade. (ARENDR, 2016. p.103)

O trabalho precisa ser tratado como uma atividade vital humana, onde através dele o indivíduo pensa sobre questões para além das limitações biológicas. É a partir do trabalho que o ser humano se desenvolve sendo ele também responsável por apresentar e abordar relações de gênero no mundo do trabalho.

A OIM⁴ (Organização Internacional para as Migrações) afirmou que, em 2011, o Brasil foi o quarto destino mais procurado dos imigrantes bolivianos, ficando atrás apenas da Argentina, da Espanha e dos Estados Unidos. SOUCHAUD (2010), em seu

⁴ <https://nacoesunidas.org/agencias/oim/>

estudo, diz que 46,7% dos imigrantes bolivianos trabalham na indústria da confecção, e apenas 9,5% vieram com imigrantes qualificados, sendo médicos, dentistas, empresários e outros. Mesmo com essa diversidade e heterogeneidade na população imigrante, foi possível perceber ao longo da bibliografia estudada que essa comunidade boliviana em São Paulo acaba por invisibilizar as mulheres, atrelando esse silenciamento a subalternidade da migração feminina, possibilitando-nos a discutir sobre gênero.

Enquanto os homens são representados como aqueles que vinham em busca do trabalho, as mulheres não foram inicialmente representadas como trabalhadoras imigrantes, e sim como aquelas que acompanhavam maridos e filhos. Dessa forma, nunca eram percebidas como sujeitos no processo migratório (Assis. 2006, p.748)

Sobre o conceito de exclusão pauto-me pela autora Bader Sawaia. Segundo a autora a exclusão precisa ser pensada numa perspectiva de inclusão, inclusão perversa. Nesse sentido não há excluído, o que se apresenta são formas perversas de inclusão. Nesse sentido a autora problematiza inclusive a noção de justiça e injustiça. Ao considerarmos essa forma de inclusão perversa de injustiça o que temos não é exclusão, mas sim injustiça (cf.SAWAIA, 2002)

Sobre essa lógica a ação política muda a depender do entendimento que se assume, a grosso modo resume-se: aos excluídos a resposta é cesta básica, às vítimas de injustiça responde-se com políticas públicas que visam a promoção da justiça, quiçá uma sociedade equitativa, igualitária.

Numa sociedade capitalista que gera ao mesmo tempo pobreza e riqueza, portanto que estrutura desigualdades a noção de justiça enquanto conceito e prática torna-se fundamental. Aqui podemos nos referenciar num importante autor que nos apresenta uma noção de justiça, mais especificamente uma teoria da justiça. Refiro-me a John Rawls cuja crítica recai sobre uma sociedade meritocrática.

Segundo o autor não há uma questão injusta em sociedades assimétricas desde que todos os seus cidadãos partissem daquilo que o autor chama de “posição original” ou seja se partíssemos de uma posição zero, de igualdade. (Cf. Rawls, 1971) já Bader Sawaia (2002) apresenta a ideia de que a sociedade em que vivemos é formada a partir de processos de exclusão e de inclusão social perversa, sendo estes multifacetados uma vez que abrange o sujeito como um todo, em sua totalidade, relacionando a sua dimensão do pensar, do sentir e do agir. Dessa forma é preciso levar em conta não só aspectos objetivos dos fatos, mas também os contextos políticos, sociais e as desigualdades que o sujeito está inserido.

A pesquisa em questão traz como um dos objetivos investigar como as costureiras percebem-se participantes desta categoria trabalhadora. Assim como buscará entender a relação da organização do trabalho com a história individual de cada ser humano.

Ao pensar sobre a categoria das trabalhadoras precisamos antes de tudo entendê-las como um ser temporal pertencente a categoria “mulheres”, sendo necessário resgatar a luta feminista, a concepção de gênero e os desdobramentos na sociedade contemporânea. Para fazermos esse resgate histórico é importante pensarmos que as inúmeras formas de existir, do “ser mulher”, estavam sempre atreladas a determinações sociais internalizadas nos nossos pensamentos, conforme a constatação de que “gênero, raça-etnicidade e as classes sociais constituem eixos estruturantes da sociedade”, Saffioti (2015, p. 83).

Diante desse cenário histórico é preciso também pensar nas relações dos espaços públicos e privados e de como estas foram tratadas (ou não) ao longo das últimas décadas.

O espaço privado se caracterizava, segundo a descrição de Hannah Arendt, como o local de satisfação das necessidades básicas, fisiológicas, do homem. Ou seja, a esfera privada era a esfera das necessidades da vida e nela o chefe de família imperava com poderes incontestes, subjugando mulheres, escravos e crianças, que, de uma forma ou de outra, garantiam a satisfação de suas necessidades vitais básicas. (Assis, 2006, p. 3).

Enquanto que ao espaço público se destinava a um lugar político de ação e de fala, onde os direitos eram questionados e revolucionados. O espaço privado se limitava a um lugar de proteção das questões relacionadas aos processos básicos e vitais para sobrevivência do ser humano, precisavam ser protegidos, mantendo-os no âmbito privado, que é em grande maioria liderado pelos homens, reprimindo às mulheres, de modo a não permitir o equilíbrio desses espaços.

Seguindo os conceitos de gênero de Saffioti (2015) podemos olhar para a relação das bolivianas com o trabalho e com o lazer de uma maneira mais cuidadosa, onde o “ser mulher” na atualidade não se criou através de acontecimentos aleatórios, mas sim de anos de história privilegiando o masculino.

[...] as imagens de mulher são (re)atualizações de imagens já sedimentadas no interdiscurso, e essas imagens da memória discursiva refletem nas representações atuais. Reflexo da sociedade, a inferioridade feminina foi propalada por estudiosos, circulando com força de evidência, parecendo natural e inquestionável (Boel, 2008, p.3).

Percebemos ainda que no caso das costureiras essa relação de espaço público e privado, trazido pela Hannah Arendt, muitas vezes não é respeitada, levando o trabalho para casa e a casa para o trabalho, potencializando a invisibilidade dessas trabalhadoras.

5. A CONVERSA COM SARA

A entrevista aconteceu em uma sala cedida pelo Caritas Arquidiocesana de São Paulo, situado na Rua José Bonifácio, n 107. Com o objetivo de tornar o ambiente da entrevista mais agradável e fluído não foram utilizados equipamentos de gravação, apenas anotações em papel. Me baseei em perguntas pré-estabelecidas (ANEXO I) onde foram sendo adaptadas ao decorrer da conversa. Apresentarei nos próximos parágrafos os principais temas tratados

Com o intuito de não perder detalhes do fluxo narrativo estabelecido entre a entrevistada e a entrevistadora trago em anexo (ANEXO II) o modo como aconteceu a entrevista, em tom de conversa que apesar dos pressupostos metodológicos, não se perdeu de vista uma empatia solidária do momento em que juntas estivemos.

No próximo capítulo farei a análise da narrativa com base nos núcleos de significação tendo como premissa a psicologia Sócio-histórica. Com o objetivo de preservar a identificação da entrevistada aqui a chamarei de Sara. A entrevista se iniciou após a leitura e assinatura do termo de compromisso livre e esclarecido (ANEXO III).

5.1 Núcleos de Significação

As linhas que seguem neste capítulo colocam em foco três núcleos de uma narrativa intensa. A escolha desses núcleos decorre do seu conteúdo que convergem histórias de vida, de trabalho, de projetos futuros, enfim, da vida vivida nos interstícios da história e da cultura. Nos próximos parágrafos apresentarei as falas da entrevistada que foram agrupadas em três núcleos:

Núcleo 1: A vida lá – O passado - Infância? Não tive infância. Quando se perde a mãe muito cedo, tem uma madrasta má e um pai bêbado você não tem infância;

Núcleo 2: A vida aqui – o presente – Quando se trabalha só tem que trabalhar;

Núcleo 3: A vida por vir – o futuro – Eu só sei que quero morrer na Bolívia, é muito caro morrer no Brasil.

Como dito antes, os núcleos foram escolhidos devido a semelhança dos assuntos apresentados pela entrevistada, que juntamente com as perguntas e análise dos dados foi possível compreender a percepção da mesma sobre o processo migratório brasileiro e suas implicações.

5.2 Núcleo 1: A vida lá – O passado - “Infância? Não tive infância. Quando se perde a mãe muito cedo, tem uma madrasta má e um pai bêbado você não tem infância. ”

Neste núcleo apresento a vida da entrevistada na Bolívia, assim como a sua relação com a família e com o seu país. Em seu discurso, ao longo da entrevista, foi possível perceber um intenso laço emocional com seus irmãos e com o seu pai.

“Tenho 43 anos, nasci em La Paz e estudei até o ensino médio. Minha mãe faleceu quando eu tinha 4 anos. ”

Logo no início de sua fala, Sara relata um trauma na infância, a morte da sua mãe, trazendo tal evento como um grande marco em sua infância, uma vez que, por ter crescido sem mãe precisou assumir algumas responsabilidades que não dizem respeito às crianças, como por exemplo cuidar dos seus irmãos e da casa.

“Infância? Não tive infância. Quando se perde a mãe muito cedo, tem uma madrasta má e um pai bêbado você não tem infância. Eu não podia perder tempo com as brincadeiras de criança, tinha que ajudar na casa e cuidar dos meus irmãos. Esses foram os principais motivos que me fizeram sair de casa. ”

Nessa fala é possível perceber que outros fatores externos contribuíram para que sua infância fosse conturbada, nos trazendo elementos para entender os motivos pelos quais Sara deixou seu país e veio para o Brasil. É importante lembrar que o ser humano é constituído em uma relação dialética com o social e com a sua história de forma a torná-lo único e singular. Dessa forma com essa análise não procuro simplificar sua experiência, apenas me aproximar de uma compreensão das dimensões subjetivas de seu existir a partir de seu relato.

“Eles (o pai e a madrasta) tiveram mais dois filhos, que eu ajudei na criação. Uma mulher que se formou em agronomia e um homem que trabalha com costura na Bolívia. ”

Ainda ao falar da sua família Sara faz questão de dizer que a sua irmã mais nova se formou em agronomia, sendo a única da família com nível superior. É possível perceber em sua fala que ela atribui aos estudos um certo valor, através do qual lamenta não ter tido a oportunidade de estudar.

“Quando eu era pequena eu queria ser enfermeira, mas como tive que trabalhar muito cedo não pude fazer faculdade.”

Nessas duas passagens reconhecemos que a relação de Sara com o trabalho começou cedo, sendo sempre tratado como uma obrigação e nunca como algo prazeroso. Sendo o trabalho constituinte do ser humano e de como também constrói suas subjetividades através dele, cabe aqui o questionamento sobre as consequências de ter que trabalhar desde cedo para conseguir sobreviver. Foi através do trabalho que ela se mudou da Bolívia para o Peru e depois para o Brasil.

“Quando eu tinha 18 anos eu precisava sair da casa do meu pai então me mudei para a casa da minha tia no Peru. Lá eu trabalhava em cozinhas.”

O trabalho foi a forma que Sara teve que encontrar para se colocar no mundo, sendo antes cozinheira e agora costureira. Essa última fala nos permite perceber a mobilidade e a busca por melhores condições de vida, tanto financeiras quanto familiares que podem ter contribuído para o que Sara traz como não ter conseguido ter uma infância.

“Como eu não queria voltar para a casa do meu pai e da madrasta decidi pegar quatro dias de ônibus e trem para chegar em São Paulo.”

A partir desta fala percebemos que, para Sara, voltar para a Bolívia não era uma opção e que como seu irmão já está no Brasil ela decidiu fazer a viagem.

“Quando ele veio prometeram para ele US\$ 200 por mês. Isso é muito mais do que ganharíamos na Bolívia. E como eu não queria voltar para a casa do meu pai e da madrasta decidi pegar quatro dias de ônibus e trem para chegar em São Paulo”

Mesmo estando longe do seu país de origem para Sara é importante estar perto dos seus familiares. Essa relação familiar ocorre de uma forma dialética, pois ao mesmo tempo que ela gosta de estar perto do irmão, ela traz como principal razão pela qual saiu de casa as brigas com a madrasta e o fato do seu pai ser alcoólatra.

“Fiquei com um pouco de medo durante a viagem, mas sabia que meu irmão estaria me esperando na estação. ”

Essa ambiguidade está presente em diferentes momentos ao longo da conversa, nos fazendo pensar nas dificuldades encontradas por ela ao longo da sua trajetória de vida, onde o amor pela sua família e às dificuldades foram se compensando ao longo dos anos.

5.3 Núcleo 2: A vida aqui – o presente – “Quando se trabalha só tem que trabalhar”

Neste segundo núcleo de significação trago a vida de Sara no Brasil, sua relação com a costura, com os bolivianos que aqui moram, às principais dificuldades encontradas nos últimos anos e a sua relação com o irmão.

“Logo que eu cheguei eu tive três dias para aprender a mexer na overlock, aquela máquina de costura com cinco agulhas. Meu irmão me disse que se eu não aprendesse nesse tempo eu teria que fazer outros tipos de serviços, como ser doméstica. ”

Nesta passagem podemos entender mais sobre a relação de Sara com o trabalho e com o seu irmão. Esse curto prazo para aprender a mexer na máquina relata a intensidade e a cobrança do trabalho com a costura, assim como a relação familiar no trabalho. Mesmo dizendo que tem uma boa relação com seu irmão: “Eu tenho meu irmão que me ajuda muito”, foi possível perceber ao longo da entrevista que em vários momentos seu irmão ocupa o papel de introduzi-la no mercado de trabalho.

“Trabalhamos para uma família de coreanos, eles são em 3 ou 4 pessoas, mas eu não tenho muito contato, meu irmão que fala com eles. ”

Ao dizer que não tem muito contato com os coreanos, Sara revela, por mais que sutilmente, uma relação de dependência com o seu irmão no trabalho, - novamente a mediação sempre feita pelo seu irmão e não diretamente através dela, uma vez que ele é quem controla a quantidade e frequência das peças que devem ser costuradas, sem haver muito espaço para que ela o questione. Na fala a seguir Sara nos conta sobre as condições e a jornada de trabalho:

“Moramos em uma casa com dois quartos, um para cada um, e um espaço grande para costurar. Eu faço aproximadamente 20 peças por dia e trabalho mais ou menos das 7am até às 22pm com pausas para descanso e almoço. Eles pagam em cheque e o valor é de R\$7 ou R\$8,00 reais por peça. Como eu não tenho conta no banco meu irmão retira o dinheiro para mim. ”

Novamente podemos perceber uma sutil dependência da mesma para com o irmão, onde mesmo morando há mais de 15 anos no Brasil não tem conta no banco, dependendo completamente do seu irmão para retirar o dinheiro. Entretanto, ao longo da conversa foi possível perceber que para Sara a possibilidade dessa dependência não está tão perto de seu campo de compreensão, o que possibilita uma reflexão sobre a vulnerabilidade e invisibilidade dessas trabalhadoras, no qual torna-se difícil se apropriar de sua autonomia e de seus direitos enquanto sujeito.

Outros aspectos que também nos chamam a atenção é a longa jornada de trabalho e o baixo preço pago pelas peças. Nos dois casos Sara parece ter consciência das condições precárias de trabalho que está sujeitada como podemos perceber nos recortes abaixo:

“Eu sei que trabalho muito, mas não tenho o que reclamar, consigo pagar às minhas contas e às vezes até mando um pouco de dinheiro para o meu pai”

“A comunidade boliviana aqui em São Paulo é muito grande. Isso não é muito bom, porque tem menos trabalho”

“Os coreanos nos exploram nos preços que eles nos pagam, como tem muito boliviano que cobra muito pouco é difícil aumentar o preço, aí trabalhamos muito para ganhar pouco.”

Mesmo trabalhando muito e recebendo pouco ela consegue guardar dinheiro e mandar para o seu pai nos fazendo pensar tanto na sua condição de vida atual como na sua condição de vida na Bolívia, onde aparenta ser mais precarizada do que a atual, uma vez que um dos motivos que a trouxe para o Brasil foi a promessa de ganhar mais dinheiro. Pode-se perceber a possível internalização de um discurso meritocrático através do qual acaba sendo naturalizada e justificada as condições precárias e injustas de trabalho. Assim, seu esforço acaba parecendo ser o único responsável por sua qualidade de vida e sucesso, não levando em consideração as inúmeras desigualdades trazidas neste trabalho.

Em nenhum momento durante a nossa conversa Sara trouxe gastos com atividades de lazer, quando perguntei sobre o que gostava de fazer no tempo livre ela rapidamente respondeu:

“No meu tempo livre gosto de dormir! Fico muito cansada então gosto de dormir. ”

Assim como na infância ela não teve muito contato com o lúdico, agora adulta Sara também não traz momentos de lazer na sua rotina nos fazendo pensar nas possíveis consequências disso. É notório que o trabalho é colocado como prioridade em sua vida, de modo a não ter espaço para experienciar outros mundos, como o dos relacionamentos. Percebemos que Sara busca em sua rotina de trabalho um isolamento e uma autoproteção, uma vez que passa a maior parte do seu tempo apenas com o seu irmão. Sara relata não ter muitos amigos e também não ter um relacionamento amoroso, confirmando ter dificuldade com o diálogo intercultural. Novamente, nos inquieta o não reconhecimento do direito de se ter lazer, revelando um pouco de sua realidade de sobrevivência.

Ainda sobre a sua condição de vida no Brasil, Sara traz que:

“Não é fácil viver em São Paulo, muitos acabam se envolvendo com drogas e roubos, é por isso que tem muito boliviano que é assassinado. ”

Ela diz com orgulho que nunca se envolveu com drogas ou crimes, e que lutou muito para conseguir os documentos para ficar legal no Brasil, mas ainda assim ela nos aponta uma outra realidade de muitos imigrantes que chegam no nosso país: o estigma da criminalidade.

Sara trata desse tema como uma “má fama”, o estigma dos Bolivianos, apontando isso como um dificultador ao longo dos anos.

“Foi muito difícil encontrar uma casa para alugar. O boliviano já tem uma fama muito ruim aqui no Brasil. ”

Ao dizer sobre esse estigma dos bolivianos Sara se mostrou bastante incomodada com tal estereótipo, não se incluindo nesse agrupamento e reforçando que o próprio boliviano acaba atrapalhando a vida dos outros bolivianos, trazendo uma sensação de não pertencimento e exclusão por ambas às partes, tanto pelos brasileiros quanto pelos bolivianos. Tal dificuldade de inclusão no Brasil ficou claro quando ela trouxe como uma das principais dificuldades aprender a língua portuguesa, fator este que é bastante presente quando se muda para um país onde pretende se estabelecer. Podemos levantar algumas hipóteses diante desse fato, como por exemplo uma negação da atual condição de vida, onde o objetivo é voltar para seu país ou também os inúmeros estigmas atribuídos aos bolivianos que acabam por protelar seus planos e interações.

“Tem também alguns bolivianos que vão para o interior de São Paulo, mas aí é ruim, lá eles vivem em uma situação muito precária. Eu não sei em qual cidade eles estão, mas todo mundo fala que é ruim, que eles são quase escravos, eles não têm acesso a comunicação ou transporte. ”

Nesta fala Sara nos alerta sobre uma outra realidade de trabalho que ainda não havia sido mencionada: os trabalhos análogos à escravidão. Diante disso podemos pensar sobre as condições do trabalho no Brasil assim como a falta de informação desse tema e a sua invisibilidade. Tal forma de exploração não é apenas encontrada no ramo da costura, mas também no setor rural e de trabalhos domésticos. Ainda sobre a exploração Sara explica que ela acontece de diferentes maneiras:

“Não são só os coreanos que exploram, tem boliviano que explora boliviano, as vezes até da mesma família. Já escutei vários casos de bolivianos que trazem às irmãs e às sobrinhas para cá e exploram elas. ”

Conforme foi trazido na fala acima a exploração acontece não apenas por parte dos donos das marcas de costura, mas também entre os próprios bolivianos, nos possibilitando refletir sobre tais temas. Ao longo da entrevista Sara passa a sensação de que o povo boliviano é um povo bastante unido, morando sempre nos mesmos bairros, mantendo-se próximos e preservando tanto a língua quanto a cultura. Assim,

é possível pensar a respeito das diferentes formas de relações, familiares ou não, que são criadas após o movimento migratório, onde cada indivíduo se encontra vulnerável diante das dificuldades e surpresas do novo país. De modo geral, essas relações de exploração acabam ficando restritas ao ambiente privado, reforçando ainda mais a invisibilidade de tal opressão.

5.4 Núcleo 3: A vida por vir – o futuro – “Eu só sei que quero morrer na Bolívia, é muito caro morrer no Brasil. ”

Neste terceiro e último núcleo apresentarei o plano de vida de Sara, seus sonhos e vontades para os próximos anos. Vale ressaltar que para Sara falar sobre o futuro não aconteceu de uma maneira natural, ela pareceu não pensar nesse tema com tanta frequência, sendo necessário um certo tempo para poder acessar tais aspectos. Isto fica claro na primeira frase de Sara sobre esse assunto:

“Eu não tenho sonhos, quando você só trabalha você só pensa em trabalhar.”

Novamente percebemos que para ela pensar no presente é mais natural do que pensar no futuro nos fazendo questionar onde estão e para onde foram os sonhos dessa trabalhadora. Entendemos que a árdua rotina de trabalho não deixa espaço para tais sonhos sendo necessário questionarmos também a distribuição do tempo e das prioridades e possibilidades de vida.

“Eu só sei que quero morrer na Bolívia, é muito caro morrer no Brasil. ”

Essa fala permite considerar aspectos da vida onde entrelaçam um fenômeno natural, o morrer, com um fenômeno sócio/econômico, o preço. Percebemos também que para Sara a relação custo e benefício é quase inerente a sua existência uma vez que ela relaciona a sua possibilidade de onde morrer com o custo de tal acontecimento. Com essa fala, Sara nos mostra que ao pensar nos próximos passos ela avança diretamente para o momento da sua morte, não trazendo como possibilidade uma outra realidade para os anos antes de sua morte, onde sua vida acaba se restringindo do trabalho ‘a morte. Até o pensar na sua morte é atravessado pela necessidade que ela teve de garantir a sua existência em vida pelo esforço de seu trabalho gerando o mínimo para a sobrevivência.

Apenas depois de muita conversa Sara trouxe, mesmo sem perceber, um sonho, que mesmo assim se dá pela lógica do trabalho.

“Eu gosto muito de cozinhar bolos e pães, talvez eu gostaria de abrir uma lanchonete quando eu voltar para a Bolívia. ”

Nessa última fala percebemos como a lógica do trabalho está intrínseca a vida de Sara, estando presente tanto no seu passado, como no presente e no futuro. É possível, entretanto, reconhecer a vontade que ela traz de um projeto próprio que, exemplificada pela lanchonete, pode traduzir uma vontade de possuir um projeto pessoal. Indicando que sim, ela possui vontades e alguns prazeres, mas que acabam ficando em segundo plano, pelo modo como a luta pelo trabalho lhe foi inescapavelmente colocada ao longo de sua vida

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de todas as colocações ao longo deste presente estudo, se faz necessário uma retomada do objetivo desta pesquisa para que, em seguida, os resultados obtidos sejam apresentados. Ao longo deste estudo foi apresentado o processo histórico de migração para o Brasil, com ênfase na migração das bolivianas trazendo também às principais causas para tal fenômeno. Busquei através da entrevista com uma boliviana que trabalha no mercado têxtil no centro de São Paulo entender a sua situação atual, seu passado na Bolívia e seus planos para os próximos anos.

Após a análise dos núcleos de significação da entrevista com Sara podemos afirmar que a sua relação com o trabalho é algo muito árdua e ambivalente, podendo esta ser justificada através do trabalho como atividade vital humana. Foi possível perceber que o sistema de produção capitalista está intensamente presente no seu cotidiano uma vez atuam em um modo de produção focada no tempo e na produtividade. Esta relação fica bastante clara quando analisamos às horas trabalhadas por dia, que chegam a quase 13 horas/dia, e às atividades pessoais de lazer, que não praticamente inexistentes.

Entendemos que para além do excesso de trabalho, as mulheres bolivianas ainda enfrentam outras dificuldades, como por exemplo a impossibilidade de controle do seu próprio dinheiro, uma vez que, na maioria dos casos, são os homens que além de terem o contato com os coreanos também cuidam do dinheiro da família. Percebemos que essa sutil forma de controle muitas vezes não é percebida pelas bolivianas, nos fazendo pensar na sua vulnerabilidade nas relações de trabalho.

Foi possível perceber que não há uma grande identificação da trabalhadora com a sua própria atividade, sendo esta necessária apenas para a sobrevivência. Entendemos que diante de tantas dificuldades apresentadas, ela precisou abrir mão dos estudos e dos seus sonhos quando criança para entrar no sistema capitalista atual. A alienação assim como o questionamento deste modo de produção são fatores

presentes no discurso da Sara, o que constitui, juntamente a outros processos a imagem subjetiva do real objetivo.

O trabalho deveria ser o meio que reproduz e integra o ser-humano na sociedade, mas nas condições sociais que vivemos atualmente está reprodução não auxilia no favorecimento do gênero humano. Dessa forma entendemos que por possuir um compromisso social, a psicologia tem como dever pensar e atuar em uma psicologia que acolha a classe das costureiras, tendo como foco reivindicar e consolidar o direito do trabalho.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, W. J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013.

ASSIS, M. P. F. Uma apreciação feminista da teoria arendtiana. *Em Tese*, v. 3, n. 1, 2006.

ANTUNES, R. *Os Sentidos Do Trabalho: Ensaio Sobre A Afirmação E A Negação Do Trabalho*. 5 edição. São Paulo, Boitempo, 2001

ARENDT, H. *A condição Humana*. 13 edição. Rio de Janeiro: editora forense, 2016.

BERTA, S. L.; CARIGNATO, T. T.; ROSA, M. D. *Imigrantes, migrantes e refugiados: encontros na radicalidade estrangeira*. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, Brasília, v.14, 2006.

BERMAN, D.; COSTA, S.; HABIB, R. L. *150 anos da indústria têxtil brasileira*. SenaiCetiq/Texto&Arte. Rio de Janeiro, 2000.

BOURDIEU. P. *Razões Práticas*. Papirus Editora. Campinas. 1996

BOEL, V. R. *A Imagem do feminino na legislação Brasileira*. ANAIS VIII Encontro Interno, XII Seminário de Iniciação Científica - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia- MG, 2008

MESQUITA, J. L.; SANTOS, M. O. Observando o lado feminino da migração: mulheres bolivianas na cidade de são paulo. *Revista Ambivalência*. Sergipe, v.5, 2017.

DEJOURS, C. *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez, 1987

FLEURY, A.C.C.; VARGAS, N. A organização do trabalho: uma abordagem interdisciplinar: sete estudos sobre a realidade brasileira. São Paulo: Atlas, 1983

MARX, K. O capital: Crítica da economia política. Vol 1, Livro primeiro: O processo de produção do capital – Segunda edição. São Paulo: Nova Cultural, 1982.

RAWLS, J. A Teoria da Justiça. Mass.: Harvard University. 1971

SAFFIOTI, H. Gênero patriarcado violência. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAWAIA, B. Introdução: Exclusão ou inclusão perversa? In: B. Sawaia, (Org.), As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social. (pp.7-13). 4ª Edição. Petrópolis: Vozes. 2002

SILVA, M. R. Trabalho análogo ao de escravo rural no Brasil do século XXI: novos contornos de um antigo problema. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

SOUCHAUD, S. A imigração boliviana em São Paulo. In: FERREIRA, A. P. Deslocamentos e reconstruções da experiência imigrante. Rio de Janeiro: Garamond, p.267-292, 2010.

MOSKOVICS, L. B.; CORRAL, P. M. El papel de las redes migratorias en los procesos de reordenación de los flujos de bolivianos entre España y Brasil. Revista Travessia, n.70, 2012.

<http://www.ine.gob.bo/index.php/notas-de-prensa-y-monitoreo/itemlist/tag/EMPLEO>

<http://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>

<http://www.slavevoyages.org/>

<https://nacoesunidas.org/agencias/oim/>

8. ANEXOS

8.1 Anexo I - O Questionário

QUESTIONÁRIO – Será uma entrevista semiestruturada que se baseará nas seguintes questões:

Nome:

Idade:

Cidade de Nascimento:

Data de chegada no Brasil:

Escolaridade?

A vida lá – o passado

O que fazia (trabalho e lazer) na Bolívia?

Quem te apresentou essa possibilidade?

Veio com a família?

A vida aqui – o presente

Como foi a sua vinda para o Brasil?

Com o que já trabalhou aqui?

Como estão seus amigos/família na Bolívia?

Sua condição de vida aqui e comparando com a condição de vida lá?

A vida por vir – o futuro

Quer voltar para a Bolívia?

Sonhos profissionais e pessoais?

Eixos exploratórios - gênero

Você vê alguma diferença entre homem e mulher no seu trabalho aqui e lá?

Pelo fato de ser mulher você encontrou maiores dificuldades?

No seu ramo de trabalho é possível saber quem ganha mais: o homem ou a mulher?

Normalmente quem te liga solicitando a produção, homem ou mulher?

8.2 Anexo II - A Entrevista

Sara: Tenho 43 anos, nasci em La Paz e estudei até o ensino médio. Minha mãe faleceu quando eu tinha 4 anos. Tenho dois irmãos por parte de mãe, um tem 48 anos e serviu o exército boliviano por muito tempo, e o outro tem 46 e trabalhava com mecânica. Meu pai se casou de novo com uma mulher que eu não gosto, ela é bem má. Eles tiveram mais dois filhos, que eu ajudei na criação. Uma mulher que se formou em agronomia e um homem que trabalha com costura na Bolívia.

Sara fala com orgulho de ter participado da criação dos irmãos, em especial da irmã que se formou na faculdade.

Julia: Como foi a sua infância na Bolívia?

Sara: Infância? Não tive infância. Quando se perde a mãe muito cedo, tem uma madrasta má e um pai bêbado você não tem infância. Eu não podia perder tempo com as brincadeiras de criança, tinha que ajudar na casa e cuidar dos meus irmãos. Esses foram os principais motivos que me fizeram sair de casa.

Os olhos de Sara lacrimejaram ao falar da infância.

Julia: Como foi a sua saída de casa?

Sara: Quando eu tinha 18 anos eu precisava sair da casa do meu pai então me mudei para a casa da minha tia no Peru. Lá eu trabalhava em cozinhas. Fiquei lá por 3 anos, e em 1997 vim para o Brasil. Foi muito difícil conseguir os documentos, mas no fim desse ano eu consegui todos e estou legal no país.

Julia: Como foi a preparação para vir para o Brasil?

Sara: Meu irmão já tinha vindo para São Paulo então foi fácil. Quando ele veio prometeram para ele US\$ 200 por mês. Isso é muito mais do que ganharíamos na Bolívia, como eu não queria voltar para a casa do meu pai e da madrasta decidi pegar quatro dias de ônibus e trem para chegar em São Paulo. Primeiro eu peguei um ônibus que foi para Cochabamba e depois outro para Santa Cruz, aí parei em uma outra cidade que não me lembro o nome e depois fui para o Bom Retiro. Fiquei com um

pouco de medo durante a viagem, mas sabia que meu irmão estaria me esperando na estação.

Julia: E como foi a chegada em São Paulo?

Sara: O que mais me chamou a atenção foi a aparência física das pessoas, todos pareciam ser muito altos. No Peru e na Bolívia às pessoas são mais parecidas. Logo que eu cheguei eu tive três dias para aprender a mexer na overlock, aquela máquina de costura com cinco agulhas. Meu irmão me disse que se eu não aprendesse nesse tempo eu teria que fazer outros tipos de serviços, como ser doméstica.

Julia: Você já tinha costurado antes?

Sara: Não, nunca. Mas aprendi em três dias e comecei a trabalhar com o meu irmão. Moramos em uma casa com dois quartos, um para cada um, e um espaço grande para costurar.

Julia: Como é a sua rotina de trabalho?

Sara: Trabalhamos para uma família de coreanos, eles são em 3 ou 4 pessoas, mas eu não tenho muito contato, meu irmão que fala com eles. Eles deixam o material cortado em casa, o nosso trabalho é costurar as peças. Eles nos dão um prazo, mas normalmente não é muito corrido, dá para fazer. Eu faço aproximadamente 20 peças por dia e trabalho mais ou menos das 7am até às 22pm com pausas para descanso e almoço.

Julia: E como é a forma de pagamento?

Sara: Eles pagam sempre sete dias depois que devolvemos as peças prontas. Eles pagam em cheque e o valor é de R\$7 ou R\$8,00 reais por peça. Como eu não tenho conta no banco meu irmão retira o dinheiro para mim. Eu sei que trabalho muito, mas não tenho o que reclamar, consigo pagar às minhas contas e às vezes até mando um pouco de dinheiro para o meu pai. Se eu tivesse ficado na Bolívia estaria em uma situação muito pior. Eu sinto muita falta do meu pai, mas gosto de estar perto do meu irmão.

Sara se emociona ao falar que sente saudades do pai.

Julia: O que você gosta de fazer no seu tempo livre?

Sara: Dormir! Fico muito cansada então gosto de dormir. Também gosto de ver séries e filmes e as vezes vou ao Parque da Luz encontrar algumas amigas bolivianas.

Julia: Você tem muitos amigos bolivianos?

Sara: Não tenho muitos amigos, mas a comunidade boliviana aqui em São Paulo é muito grande. Isso não é muito bom, porque tem menos trabalho. Gosto do fato da cultura boliviana se manter, quando estou com saudades de casa e quero comer algo típico eu sei aonde encontrar. Quando eu cheguei em São Paulo pela primeira vez a maioria dos bolivianos moravam no bairro do Pari, hoje eles estão na Penha, na Vila Maria, no Brás e no Bom Retiro. Tem também alguns bolivianos que vão para o interior de São Paulo, mas aí é ruim, lá eles vivem em uma situação muito precária. Eu não sei em qual cidade eles estão, mas todo mundo fala que é ruim, que eles são quase escravos, eles não têm acesso a comunicação ou transporte. Não é fácil viver em São Paulo, muitos acabam se envolvendo com drogas e roubos, é por isso que tem muito boliviano que é assassinado.

Julia: A exploração é frequente no mercado da costura?

Sara: Sim, bastante. Também tem exploração aqui em São Paulo, não é só no interior. Não são só os coreanos que exploram, tem boliviano que explora boliviano, as vezes até da mesma família. Já escutei vários casos de bolivianos que trazem às irmãs e às sobrinhas para cá e exploram elas. Isso é muito ruim, tenho muita sorte do meu irmão ser um homem bom. Os coreanos nos exploram nos preços que eles nos pagam, como tem muito boliviano que cobra muito pouco é difícil aumentar o preço, aí trabalhamos muito para ganhar pouco.

Julia: Quais outras dificuldades você encontrou aqui no Brasil?

Sara: Foi muito difícil encontrar uma casa para alugar. O boliviano já tem uma fama muito ruim aqui no Brasil. Muitos bolivianos vêm para cá com má fé, eles alugam casas e não fazem bom uso delas, eles depredam a casa toda. Antigamente era muito comum guardar dinheiro embaixo do colchão e por isso tinha muito assalto às casas dos bolivianos. Eram os bolivianos que assaltavam os próprios bolivianos. Não

tínhamos fiador aqui, então isso também foi muito difícil, mas hoje está tudo bem. Mas para mim o mais difícil de tudo foi o idioma, é muito difícil o português.

Julia: E a sua saúde? Já precisou ir ao médico aqui?

Sara: Já. Eu gosto do sistema de saúde no Brasil, nunca tive problema. Há alguns anos eu fiz uma cirurgia nas mamas e deu tudo certo, até hoje faço acompanhamento e estou bem. Tem um consultório do SUS para bolivianos no Pari, lá eu sempre sou bem atendida.

Julia: Pelo fato de ser mulher você encontrou maiores dificuldades?

Sara: Acredito que não, o mais difícil foi o idioma e conseguir os documentos, mas tudo deu certo. Eu tenho meu irmão que me ajuda muito, então para mim não foi muito difícil. Os homens bolivianos trabalham mais do que as mulheres, pois elas precisam também cuidar da casa e dos filhos. Isso na Bolívia era mais explícito, lá a mulher passava muito mais tempo em casa do que trabalhando.

Julia: Quais são seus planos para o futuro? E quais são seus sonhos?

Sara: Eu não tenho sonhos, quando você só trabalha você só pensa em trabalhar. Eu só sei que quero morrer na Bolívia, é muito caro morrer no Brasil.

(Silêncio)

A medida em que prosseguimos com a conversa foi se estabelecendo um laço de confiança entre entrevistadora e entrevistada o que permitiu trazer conteúdos antes negados.

Julia: Você se lembra quais eram seus planos de vida antes de vir para o Brasil?

Sara: Quando eu era pequena eu queria ser enfermeira, mas como tive que trabalhar muito cedo não pude fazer faculdade. Eu gosto muito de cozinhar bolos e pães, talvez eu gostaria de abrir uma lanchonete quando eu voltar para a Bolívia.

Apontei para ela que isso era um sonho, ela sorriu e acenou positivamente com a cabeça.

8.3 Anexo III – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pesquisa: A REALIDADE DAS TRABALHADORAS BOLIVIANAS NA CIDADE DE SÃO PAULO: UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PROCESSO MIGRATÓRIO E SUAS IMPLICAÇÕES

Prezada Senhora:

Gostaríamos de convidá-la a participar da pesquisa A REALIDADE DAS TRABALHADORAS BOLIVIANAS NA CIDADE DE SÃO PAULO: UMA VISÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PROCESSO MIGRATÓRIO E SUAS IMPLICAÇÕES. Objetivamos investigar o cotidiano, as dificuldades e as expectativas de vida das trabalhadoras do mercado têxtil de São Paulo. A sua participação é muito importante e ela se dará através da realização de entrevistas. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar: José Agnaldo Gomes, Rua Afonso Celso, 1637, Vila Mariana, São Paulo – SP, (11) 98577-8040, agnaldogomesjose@gmail.com. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida e assinada entregue a você.

São Paulo,

Pesquisador Responsável: *José Agnaldo Gomes*

RG: 23347831-0

Eu, _____, portadora do documento _____ tendo sido devidamente esclarecida sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar voluntariamente da pesquisa descrita acima.

Assinatura: _____

Data: